

“PEÇO PERDOAR OS BORRÕES”: MARCAS DA ESCOLARIZAÇÃO EM CARTAS DE AMOR

■ ALINE PEREIRA CASTRO DE CARVALHO

<https://orcid.org/0000-0002-7172-6373>

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

■ ANA CHRYSTINA MIGNOT

<https://orcid.org/0000-0001-8944-2021>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

O presente texto se volta para 47 cartas de amor trocadas entre Cícero e Margarida, no período de namoro e noivado, entre 1945 e 1947, quando residiam em cidades distintas. Por meio delas se conheceram e se deram a conhecer. Para a análise da correspondência, fez-se necessário atentar ao contexto da escrita, aos sujeitos que escreviam e liam, às motivações para escrever, à cerimônia epistolar, aos temas tratados e à materialidade do escrito. Tal procedimento permitiu observar que as cartas enviadas pela correspondente tinham caligrafias distintas, o que provocou um estranhamento. Nele nos detivemos. Estávamos diante daquilo que na literatura acadêmica se convencionou denominar como escrita delegada, quando alguém recorre a mãos alheias para colocar no papel o que deseja comunicar. Compreender por que Margarida pediu a uma intermediária para expor sua intimidade implicou investigar seu processo de escolarização, entrecruzando documentos e depoimentos, supondo que ali residiria a chave de compreensão.

Palavras-chave: Cartas de amor. Escrita delegada. Escolarização. Pacto epistolar.

ABSTRACT

“I BEG TO FORGIVE THE BLOTS”: MARKS OF SCHOOLING IN LOVE LETTERS

The present text turns to 47 love letters exchanged between Cícero and Margarida, during their courtship and engagement period, between 1945 and 1947, when they lived in different cities. Through them they met and got to know each other. To analyze the correspondence, it was necessary to pay attention to the writing context, the persons who wrote and read, the motivations to write, the episto-

lary ceremony, the themes treated and the materiality of the writing. This procedure allowed us to observe that the letters sent by the correspondent had different handwritings, which provoked a strangeness. We focused on it. We were facing what in academic literature is conventionally described as delegated writing, when someone resorts to the hands of others to put down on paper what they wish to communicate. To understand why Margarida asked an intermediary to expose her intimacy implied investigating her schooling process, cross-referencing documents, and testimonials, supposing that therein would lay the key to understanding.

Keywords: Love letters. Delegated writing. Schooling. Epistolary pact.

RESUMEN “LE RUEGO QUE PERDONE LOS BORRONES”: MARCAS DE ESCOLARIDAD EN LAS CARTAS DE AMOR

El presente texto se centra en 47 cartas de amor intercambiadas entre Cícero y Margarida, durante su periodo de noviazgo y compromiso, entre 1945 y 1947, cuando vivían en diferentes ciudades. A través de ellos se conocieron y se dieron a conocer. Para el análisis de la correspondencia fue necesario prestar atención al contexto de escritura, a los sujetos que escribían y leían, a las motivaciones para escribir, al ceremonial epistolar, a los temas tratados y a la materialidad de la escritura. Este procedimiento permitió observar que las cartas enviadas por la correspondiente tenían caligrafías diferentes, lo que provocó una extrañeza. En esto nos detuvimos. Estábamos ante lo que en la literatura académica se describe convencionalmente como escritura delegada, cuando alguien recurre a las manos de otros para poner por escrito lo que desea comunicar. Entender por qué Margarida pidió a un intermediario que expusiera su intimidad implicaba investigar su proceso de escolarización, cruzando documentos y testimonios, suponiendo que la clave de la comprensión residiría allí.

Palabras clave: Cartas de amor, Escritura delegada, Escolarización, Pacto epistolar.

Reduzir distâncias e amenizar saudades motivam a escrita de cartas de amor, permitindo a remetentes e destinatários superar ausências e, assim, quase sempre tratam da ansiedade provocada pela espera de notícias. Umam são enviadas para cortejar o outro, declarar sentimentos platônicos, driblar relações proibidas, insistir para ser correspondido, suplicar

por algumas palavras, jurar amor eterno, selar compromissos ou despedir-se para sempre.¹

1 Em *As grandes cartas de amor*, Elizabete Agostinho – responsável pela seleção e organização do epistolário – classifica-as em a primeira carta, cartas de cortejar, cartas em êxtase, cartas de amor platônico, triângulos amorosos, cartas do cotidiano, cartas de amor sereno, cartas de amores conturbados, cartas de amor não correspondido, cartas de ruptura, cartas de despedida, cartas de amor proibido, cartas de

Como outras escritas íntimas, despertam a curiosidade não só daqueles que as recebem e as leem sofregamente, em meio a lágrimas e suspiros. Pesquisadores também se debruçam sobre esses papéis, ávidos por bisbilhotar segredos, confidências e dores, convencidos, como assinalam Castillo Gómez e Sierra Blas (2014), de que as cartas de amor permitem “recuperar el peso de las emociones en el curso de la historia”.

Nas cartas aqui examinadas pelas duas autoras, a leitura provocou também emoções diversas. Para a primeira, longe de ser um maço de envelopes amarrados por fitas, dentro de uma caixa, trazia papéis amarelados pelo tempo que contavam a história de sua família, em especial, a de seus avós, um homem e uma mulher que construíram uma vida a dois e uma numerosa família, lançando mão de palavras que atravessavam as fronteiras das cidades e estados nos quais viviam durante o namoro e o noivado. Folhear cada uma foi um processo doloroso. Enquanto as abria, deixava-se invadir por recordações dos entes queridos que não estavam mais entre nós. Para a outra, um desafio. Não se tratava de orientar um trabalho que tivesse como horizonte transcrever cartas simplesmente. Era necessário interrogá-las. O que poderiam dizer para além do dito? Procu-

saudade e cartas de amor eterno. Dentre estas, destacam-se as que foram enviadas por Sigmund Freud para Martha Bernys, Henrique VIII para Ana Bolena, de Napoleão Bonaparte para Josefina, de Marcel Proust para Geneviève Strauss, de James Joyce para Nora Barnache, de Honoré de Balzac para Madame Hariska, de Auguste Rodin para Camille Claudel, de Nietzsche para Cosima Wagner, de Antoine de Saint-Exupéry para a desconhecida, de Virginia Woolf para Leonard Woolf, de Oscar Wilde para Lord Alfred Douglas, de Florbela Espanca para Antonio Guimarães e carta de Rita Ferro. Elizabeth Orsini, por sua vez, organizadora de *Cartas do coração: uma antologia do amor*, utiliza uma classificação diversa: “Fazendo a corte”, “Frêmitos e arrebatamentos”, “Todas as maneiras de amar”, “O amor à tarde” e “O difícil adeus”. Assume que tal classificação “acaba deixando de fora tantas nuanças... Às vezes uma carta começava com uma despedida e ao final o autor se rendia a juras de amor eterno (1999, p. 13).

rada pela neta dos correspondentes, dispôs-se a eleger a documentação rara e preciosa como objeto de estudo. Estava convencida de que nas cartas de pessoas comuns seria possível rastrear modos de viver e narrar. Aliás, na historiografia da educação, iniciava-se naquele momento uma inflexão que deslocava o olhar de uma documentação dita oficial e dos grandes homens para as mulheres, as crianças, as práticas de leitura e de escrita. Em outras palavras,

Puede apreciarse, por ejemplo, en el progresivo interés mostrado, em el campo de la historia de los de abajo y de las llamadas classes subalternas, al intentar sacar a la luz y revalorizar la biografía personal de determinados protagonistas de los movimientos obreros y populares, o de personajes anónimos y aparentemente irrelevantes. También en el de la historia cultural com su interés por lo cotidiano, lo personal, lo familiar y privado, cuando no por lo íntimo. Dentro de ella, la historia de la cultura escrita, o ‘razón gráfica’, viene interesándose cada vez más por los tan variados mundos de las escrituras marginales, efimeras, ordinarias o personales, así como por los procesos de recepción y apropiación de los textos escritos, o sea, por lá escritura y la lectura como prácticas sociales y cultural es efectuadas por quienes escriben y leen. (VIÑÃO, 2000, p. 10).

Passados muitos anos, retomamos o texto e reinterpretamos a documentação a partir de novas leituras. Juntas nos deixamos invadir pelas lembranças de todo o esforço que fora efetuado pela autora da monografia *“O papel não gostou da tinta”: marcas da escolarização nas cartas de amor trocadas por Cícero e Margarida (1945-1947)*, para ler, transcrever e classificar as 47 cartas, atenta às datas que indicavam o contexto, aos sujeitos que escreviam e liam, às motivações para escrever, à cerimônia epistolar, aos temas tratados e à materialidade do escrito. Recordamos que diante de questionamentos a respeito daquilo que, entre juras, promessas, cobranças e encontros marcados e

desmarcados, chamara sua atenção, a autora do trabalho respondeu que havia algo que não sabia explicar. Tempos depois do noivado, a letra de sua avó modificou-se.

Seguindo as pistas de Robert Danton (1986, p. xv) quando sugere que, “quando não conseguimos entender um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema, temos a certeza de encontrar algo”, assumimos que deveríamos aceitar sua sugestão e procuramos analisar “o documento onde ele é mais opaco”, na esperança de “descobrir um sistema de significados estranho [cujo] fio pode até conduzir a uma pitoresca e maravilhosa visão de mundo”. Ali, onde residia um estranhamento, detivemo-nos. Por que a caligrafia era diferente? Quem a teria escrito? Aliás, a reforçar a hipótese de que as cartas anteriores não tivessem sido redigidas de próprio punho por Margarida, a neta assinalara:

[...] não me lembro de minha avó materna fazendo registro autobiográfico, até porque sei que ela, embora alfabetizada, tinha vergonha de escrever. Falava que sua letra era um garrancho. Pedia sempre ao meu avô ou, até mesmo, para mim e meu irmão. Por outro lado, ela tinha o hábito de guardar lembranças: provas dos filhos, desenhos dos netos, carta de sobrinhos, cartões, receitas antigas, notícias de jornal (*Jornal Biquense*), santinhos de batizado e comunhão, provas do primário de meu avô, convites de formatura e as correspondências dela com o meu avô na época de namoro e noivado. Ela organizava em gavetas, sacos plásticos, caixinhas e até dentro da Bíblia. Ao guardar tais documentos, minha avó guardava histórias, organizava seu passado, recordava sua família e cidade natal, colecionava vidas. (CARVALHO, 2002, p. 9-10).

Por que isso ocorrera? Estávamos diante daquilo que na literatura acadêmica se convencionou denominar como escrita delegada? O trabalho de escrever por outros

[...] há sido realizado de distintas maneras según el entorno social y el momento histórico. A veces los escribanos eran copistas, es decir,

reproductores humanos de diferentes tipos de textos y documentos. E notras ocasiones se convertían en la mano y la mente de los poderosos. También había quienes fugían como intermediários para que otros pudieran hacer uso de la lengua escrita. (KALMAN, 2002, p. 208).

Tal compreensão orienta o estudo que procurou interpretar nas cartas como viviam os correspondentes durante os anos de 1945 a 1947, no Rio de Janeiro, então capital da República, e Bicas, interior de Minas Gerais, o que permitiu mergulhar em hábitos familiares, religiosidade, miudezas do cotidiano, expectativas de futuro, mas sobretudo nos motivos que teriam levado Margarida a sucumbir à escrita delegada. Isso significou investigar seu processo de escolarização,² entrecruzando documentos e depoimentos, supondo que ali residiria a chave de compreensão para ter recorrido a outra pessoa para enviar cartas para Cícero.

Quando tudo começou...

Trocando cartas, Cícero e Margarida se deram a conhecer, construíram uma relação de afeto, uniram as famílias, fizeram carícias pela escrita, apaixonando-se por intermédio das palavras e pensamentos um do outro, fazendo praticamente do contato físico uma mera consequência, após dois anos de correspondência, entre maio de 1945 e abril de 1947. Das que foram enviadas, encontram-se cuidadosamente guardadas 26 cartas de Cícero e 21 de Margarida. A primeira não chegou ao destino, obrigando-o a escrever ao seu irmão Agostinho para pedir informações sobre a enamorada:

Escrevi dia 4 uma carta para Margarida Leite aquela que esteve ahí em casa comigo no dia que vim para o Rio e até esta data não tive resposta. Queria que você perguntasse a ela ou

2 Mantivemos a grafia original das cartas partindo da compreensão de que tal como a caligrafia, a ortografia e a pontuação adotadas pelos correspondentes seriam importantes pistas para a nossa interpretação.

então a Geraldo para saber se ela recebeu minha carta ou não, pois fico sem saber se escrevo outra ou não. [...]

N.B. Não esqueça de mandar dizer qualquer coisa sobre o recado que estou te recomendando sobre a Margarida. (Cícero. 17/05/1945).

Aliás, existe sempre uma primeira carta que pode ser “curiosa ou apaixonada, tímida ou atrevida, insegura ou aventureira”, segundo Agostinho (2010, p. 35), conduzindo à per-

cepção de que não se receberá retorno, mas podendo ser também a primeira de muitas. Dias depois de ter enviado sua carta, a primeira de muitas, Cícero se confessava ansioso para receber qualquer notícia que fosse de sua amada. O que teria acontecido caso seu irmão não tivesse dado o recado? Provavelmente, o destino de ambos seria outro, assim como a história de vida que construíram ao longo de 49 anos.

Figura 1 - Envelopes de cartas trocadas por Cícero e Margarida



Fonte: arquivo da família Pereira.

Em uma segunda carta, confessa sua aflição com a ausência de resposta:

Não calcula como fiquei aborrecido, pois todos os dias quando o carteiro passava eu esperava que ele me entregasse carta sua e nada; passava o dia quase todo só pensando, será que ela não gostou de mim ou não recebeu minha carta? Resolvi então escrever ao meu irmão [...]

Todos os dias quando vou para o trabalho passo por uma praça que muito parece com este jardim d’ahí e com uns bancos de cimento idên-

ticos a este que passamos uns minutos agradáveis conversando um ao lado do outro no qual recebi de suas mãos um retratinho seu que é para mim uma jóia pois passo todos os dias um ou dois minutos a contemplar para nunca esquecer de você. (Cícero. 28/05/1945).

O primeiro encontro na praça de Bicas é reproduzido na visão de Cícero. Na espera de ser correspondido, descreve para Margarida detalhes desse momento para demonstrar o interesse que tem. Para tornar mais eviden-

te, usa palavras exageradas para expor sua emoção em possuir um retrato dela. Saberia que ao escrever tais cartas estaria eternizando suas lembranças mais íntimas? Imaginaria que Margarida tornar-se-ia, a partir daqueles

“minutos agradáveis” que passaram juntos na praça, a mulher de sua vida? Certamente não podiam supor que se tornariam relíquias familiares, testemunho do amor que construíram.

Figura 2: Retratos com dedicatórias trocados no início da correspondência



Fonte: arquivo da família Pereira

Ao responder à carta, Margarida cria um jogo de palavras para certificar-se do interesse dele por ela, não perdendo tempo para cobrar-lhe compromisso mediante a família. Deixa bem claro, nas primeiras, que do contrário não iria manter correspondência. Assim, como em qualquer intercâmbio epistolar, as cartas por eles trocadas estão fundadas em um pacto epistolar que, segundo Lyons (2014), se dá por meio de um acordo tácito entre os remetentes e destinatários, no qual regulam o intercâmbio, a linguagem, o ritmo da escrita e asseguram a reciprocidade entre os correspondentes. Ao correr do tempo, nesse jogo, Margarida exagera nas palavras, cobranças e confissões de amor.

O jogo travado nos diálogos epistolares de Cícero e Margarida serve para prolongar o assunto, assim como para aumentar a intensidade das declarações de amor. Na realidade, tal jogo tem o efeito de troca, ou seja, “escrevo o que o outro quer ler, para ler o que me faz bem”, como assinala Castillo Gómez (2002, p. 22). Tal comportamento, aumentando a auto-estima, torna-os mais felizes, alimentando o pacto epistolar, no qual “cada carta busca seu

interlocutor, reclama a presença da pessoa ausente” e, assim, “preserva os vínculos na distância e configura um espaço através do qual se expressam e desenvolvem as identidades pessoais, familiares ou sociais (CASTILLO GÓMEZ, idem).

Vidas que um dia se cruzaram

Se a interpretação de cartas exige dos pesquisadores compreender o contexto em que foram escritas, também obriga a identificar os remetentes e destinatários. Afinal, as palavras partem de determinados sujeitos, endereçadas a um outro, a quem se quer informar, implorar, pedir, confidenciar. Como se apresentam? Como se representam?

Cícero Azevedo Pereira nasceu em 30 de agosto de 1912, em Mar de Espanha, interior de Minas Gerais. Era o quinto filho de uma família de 13 irmãos. Seu pai – José Augusto Pereira –, farmacêutico famoso, realizava partos pelas redondezas, sendo, também, envolvido com a política da região. Maria Azeredo Pereira, sua mãe, mulher prendada, muitíssimo religiosa. Mesmo morando em fazenda, seus irmãos cur-

saram o primário completo. A família Pereira era tida como boêmia, pois todos os filhos, inclusive as mulheres, tocavam instrumentos. Como se não bastasse, os homens da família eram apontados como jogadores de cartas e mulherengos.

Nascida em Paula Lima, em 5 de novembro de 1921, mas criada em Bicas, Minas Gerais, cidade vizinha de Mar de Espanha, Margarida Leite de Oliveira era uma das filhas caçulas de uma família de 12 irmãos. Fazendeiro, seu pai, Jovelino Leite de Oliveira, possuía muitas cabeças de gado e vinha de uma família com mulheres famosas pela religiosidade e pelo temperamento forte. A mãe, Maria das Dores de Jesus, mulher católica, frequentava a igreja aos domingos quando levava os filhos à missa. Ao contrário de Cícero, Margarida não frequentou escola, e fora apenas alfabetizada por uma professora que ia até a fazenda dar aula para todas as crianças.

A família Pereira mudou de Mar de Espanha para Bicas abrindo uma farmácia lá, deixando para trás uma cidade mais desenvolvida, com fazendeiros famosos como os “Martines e os Barbosas, os bons turcos, os Azis, Wener, Naintala, Abdalas, também os italianos, Nardeles, Schitime, alemãs, Kaiser, Augusto Poulem”, indicando que fora colonizada por diferentes povos. A felicidade por ter ali nascido se justificava por ser repleta de “coisas que não se esquece”: a “igrejinha de Santa Efigênia, a igreja da matriz Nossa Senhora das Mercês, o fórum, o grupo escolar, o belo jardim, o Hotel Castro, a prefeitura, a igreja do Largo do Rosário e a de Santo Antônio na Rua das Flores, a famosa padroeira de mármore, a água Sarandi, o Horto Florestal, a antiga Maria Fumaça”, lembrou Joel Azevedo Pereira, irmão de Cícero.³ Conta-se que um espanhol, saudoso de sua terra distante, teria exclamado, ao contemplar a cheia do

Rio Paraibuna, que deságua no Paraíba: “Parece um mar... um mar de Espanha!”⁴

Bicas, por sua vez, elevada à categoria de município em 1923, no passado, era conhecida como Arraial das Taboas, porque no solo onde se formou o povoado existiam charcos onde proliferava um tipo de vegetação característica dos brejos. Nessa época, os tropeiros construíram um rancho para pernoitar, cuja cobertura era feita de cascas de palmito. Com as chuvas, nessas cascas, formavam-se inúmeras bicas. Em decorrência, a improvisada estalagem passou a ser conhecida como “Rancho das Bicas”. Aí a origem do nome do município.⁵ Nessa cidade, aos 33 anos, Cícero conheceu Margarida. Uma parte de sua família já havia migrado para o Rio de Janeiro.

Quando se conheceram, Cícero era músico profissional, pistonista, e partira para tentar a vida na cidade grande, onde sua rotina estava associada ao mundo da música, aos bailes e à cultura regional com destaque para festas juninas e carnaval:

Sei que já está cansada de esperar por esta carta, mais se não escrevi antes é por causa do pouco tempo que tenho principalmente este mez de junho que é o mais festejado aqui o Rio e por isso tenho trabalhado bastante com os bailes quase todas as noites. [...] esta semana só deixei de tocar um dia que foi terça-feira; ontem domingo comecei à tocar as 3 horas da tarde e só terminei as 2 da madrugada chegando em casa as 3 e 20 minutos [...] (Cícero. 25/06/1945).

[...] Carolina me disse que tinha uma carta para mim então apanhei-a e levei no bolso comigo para ler durante a viagem, pois saí com toda pressa e fui pegar um táxi e seguir para Barão de Mauá afim de apanhar o trem de 8 e 30 da noite para fazer um baile em Petrópolis que deveria começar as 10 horas. [...] Eu trabalhei

3 Entrevista informal concedida em 12 de setembro de 2002, no Rio de Janeiro.

4 Ver: <https://www.mardeespanha.com/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 29 ago. 2022.

5 Ver: <https://www.bicas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-de-bicas/6506>. Acesso em: 29 ago. 2022.

muito tocando quinta-feira durante o dia, sexta-feira em Petrópolis, sábado a noite das 11 às 4 da madrugada, domingo matine de 3 às 6 da tarde, recomeçando depois as 11 horas até as 4 horas da madrugada e quarta-feira de cinzas indo para casa descansar até 11 da manhã quando levantei e saí para trabalhar [...]. (Cícero. 07/03/1946).

Cícero lança mão dos inúmeros afazeres para justificar a demora de suas cartas, assim como de sua ausência, o que permite interpretar como um modo para apresentar-se como homem trabalhador e responsável, capaz de proporcionar um futuro tranquilo ao constituir família. Ao longo das cartas, Margarida terá o mesmo comportamento. Dizia ela:

Estou com um irmão doente, e quase não saio de casa, a única parte que vou é na costura. Cícero disseste que vinhas em setembro, faça um esforço e venha passar o dia 7 aqui. Aqui tem um circo que dizem ser bom, minhas irmãs tem ido, mas eu não tenho prazer para essas coisas sem você. Soube que me enviaste seu retrato não é? No entanto não tive a felicidade de ser possuidora. (Margarida. 27/08/1945).

Relata o cotidiano da mulher de sua época. Solteira, cuidava dos irmãos quando doentes, ia sempre à missa e frequentava aulas de costura, num momento em que a “lida com a tesoura, linhas, dedais e agulhas foi amplamente difundida no universo feminino, nos campos e nas cidades”, como assinala Schapochnick (1998, p. 490), que acrescenta que o “ato de costurar e bordar fazia parte da rotina dos afazeres domésticos, e seu conhecimento era como que um pré-requisito para a boa dona de casa” (idem). Ao descrever assim suas ocupações, pretendia, provavelmente, mostrar o quanto era prendada, caseira e atenciosa com a família. Também expõe a vontade de ir ao circo da cidade. Suas irmãs vão, mas não fica bem uma moça compromissada ir só.

De certo modo, as cartas que encurtavam as distâncias entre os correspondentes ser-

viam para que se dessem a conhecer, afirmando que pensavam no outro e ansiavam por notícias. Afinal, como lembram Dauphin e Pouban, (2002, p.83), cada um “apresenta-se e apresenta sua atividade aos outros, [...] orienta e governa a impressão que produz neles, e que espécie de coisas pode ou não pode se permitir no curso de sua representação”. Assim, compreendemos melhor a insegurança de Cícero, ao iniciar a correspondência com Margarida que teve sua primeira carta extraviada, não obtendo resposta de sua amada. A preocupação de ter causado uma boa ou má impressão é nítida e se confirma nas posteriores.

Construindo o futuro através das cartas

Repletas de descrições do cotidiano e expressão de sentimentos, as cartas de Cícero e Margarida serviram para construir o futuro ainda incerto, com um misto de prazer, desejo, felicidade e ansiedade, que marcavam a espera, a chegada e a leitura das cartas. São emoções fortes e significativas descritas por ambos, materializadas no texto, linha a linha.

Vários os motivos que os levam a escrever cartas. Certamente, um dos principais era amenizar saudades na medida em que pouco se viam em função das moradias em cidades distintas. Isso torna-se evidente pelas inúmeras cobranças existentes na escrita de ambos, pois “quem escreve também quer receber” (CAMARGO, 2000, p. 224). Em uma delas, ele afirma que demorou para responder à carta de Margarida: “Espero que não siga o meu exemplo escreva-me sempre” (Cícero. 25/01/1946).

Receber cartas lhe dava tanto prazer que Cícero confessava temer ser castigado com a ausência das mesmas. Elas construía um forte elo fazendo com que se sentisse importante na vida da namorada, diferente dos demais, único. A troca epistolar que se move entre a

ausência e a presença servia assim à constituição e ao fortalecimento do vínculo amoroso. Isso fica evidente quando ao receber a primeira carta de Margarida usando o tratamento “Meu querido noivo”, antes mesmo de oficializar o noivado perante a família, não disfarçou sua felicidade:

Não pode calcular com que satisfação fiquei ao receber sua carta..., pois não esperava que escrevesse e começasse logo com esta frase, ‘querido noivo’. [...] A resposta me foi dada pelo telefone por papai, fiquei muito satisfeito e fui logo participando a Maria minha irmã, meu tio e meus primos... Preciso mandar fazer as participações de nosso noivado... Quanto a aliança eu acho que você deve procurar com mamãe e usá-la pois nós já estamos oficialmente noivos não é? (Cícero. 14/10/1945).

Parece que Cícero fez o pedido em sua última ida à Bicas, dando a Margarida um tempo para responder. Depois, fez chegar o aceite à família dele que se encarregou de comunicá-lo por telefone. Enquanto lia a carta que informava “Quanto a minha eu começarei a usar quando for ahí ou então papai me mandará pelo correio ou pelo primeiro portador” (Cícero.14/10/1945), Rita de Cassia Pereira de Carvalho, filha dos correspondentes, lembrou-se das antigas histórias que ouvia e narrou que o envio das alianças de seus pais se deu pelo correio, tendo sido sua avó paterna quem se encarregou de guardá-las até o noivado.

Percebemos, assim, a colaboração de terceiros na correspondência. A ida e vinda dos familiares, entre Bicas e Rio de Janeiro, fazia que estes se tornassem portadores das cartas de ambos. Levavam em suas malas, além das cartas, presentes de um para o outro, e até mesmo as alianças de noivado. Nesse sentido, as cartas assumem o papel de aproximar as famílias, tomando uma nova função social:

Recebeste a encomenda que mandei pela Mimi? Se recebeste peço não reparar, pois não

tinha outra coisa que pudesse enviar. (Margarida. 12/10/ 1945).

Recebi o queijo que me enviaste pela Mimi e muito lhe agradeço. (Cícero. 14/10/1945).

Além de Mimi, prima de Cícero, outras pessoas serviram de portadores:

Dia 1º de novembro segue para ahí minhas primas Maria e Joana... Maria voltará dia 2 ou 3 então eu vou pedir a ela para trazer a aliança para ser trocada. (Cícero. 29/10/1945).

Já troquei a aliança a muitos dias e ainda não mandei porque não quero que vá pelo correio, (...) pois vou mandar por intermédio da minha prima Cely (...), mando também as participações que ficaram prontas. (...) Peço para dar um recado ao Hêlio: dizer a elle para não esquecer de mandar a minha encomenda domingo sem falta pela Joana... (Cícero. 16/11/1945).

Pelas cartas, as relações familiares são fortalecidas, estendendo-se, não só aos irmãos e pais, mas também aos primos. Agora, também eles levam recados e encomendas aos parentes, ampliando o elo comunicativo, ou seja, propiciando a participação indireta de outras pessoas na construção textual:

Sua mãe manda dizer que você parece que se esqueceu dela, só se lembra de mim, é que já está com ciúmes... (Margarida. 20/10/1945).

Diz a mamãe que vou escrever a ela e também que nunca esqueci dela e de todos de casa. (Cícero. 29/10/1945).

Doces, queijos e linguiças são os presentes que Cícero e seus familiares recebem de Margarida e indicam hábitos alimentares na zona rural. Já Cícero, presenteia Margarida com tecidos, pois era prática comum entre as mulheres costurar ou encomendar seus vestidos:

Joel telefonou-me pela manhã e me disse que ia um amigo dele para Bicas (...) e se eu queria alguma coisa, então resolvi a comprar este corte de fazenda para você; (...); caso não goste da fazenda ou da cor não mande fazer porque

depois quando eu voltar d'ahi depois do Natal eu trocaria por outro. (Cícero. 11/12/1945).

Morando no Rio de Janeiro, na casa de sua irmã Carolina, casada e com um filho pequeno, no decorrer do tempo, ele menciona o seu nome frequentemente nas cartas para a namorada: “Carolina envia abraços para você e manda convidar para vir passar uns dias aqui com ella” (Cícero. 29/08/1945). Margarida, por sua vez, respondeu com sutileza por se tratar de um convite muito ousado para a época, deixando claro que seria difícil: “Agradeço sinceramente o convite de sua irmã, mais no momento não é possível visto o compromisso que tenho [...]” (Margarida. 05/09/1945). Enfim, em janeiro de 1946, Margarida conhece Carolina e se tornam amigas. Daí em diante, ao se despedir nas cartas, Margarida menciona a cunhada: “Tenho sentido muita saudade de voce e de Carolina. Peço dar por mim forte abraço nela...” (Margarida. 26/02/1946). O mesmo é feito por Cícero em suas cartas: “[...] queira aceitar um forte abraço da Carolina, menino e de todos d’aqui [...]” (Cícero. 15/03/1946). Depois do noivado, encontramos no cerimonial epistolar saudações aos familiares desejando a todos felicidades e saúde:

Com coração cheio de saudades é que escrevete esta cartinha desejando que esta encontre gosando saúde juntamente com todos. (Cícero. 16/11/1945).

Saúde e felicidade é o que de coração lhe desejo. Enquanto nós vamos indo bem. (Margarida. 24/11/1945).

Tanto Cícero quanto Margarida empenharam-se em estreitar vínculos por meio das cartas. A demora da resposta ou o extravio da missiva provoca no destinatário insegurança e, sobretudo, medo de cair no esquecimento. Esses sentimentos alimentam novas cartas que cumprem a função não só de esclarecer o motivo da ausência de notícias, mas também de cobrar a presença do outro:

Não podes calcular como fiquei aborrecido pensando nos dias que passam e quase sem poder escrever uma cartinha para minha querida noiva... Tenho andado muito atarefado de serviço e afobado com os bailes. [...] Estou ansioso para ver este carnaval pelas costas para ir ahí como prometi marcar nosso casamento. [...] Então você está em casa de sua cunhada não é? Escrevi para você depois do dia de ano e não obtive resposta, fiquei aborrecido e pensando que estava zangada comigo. (Cícero. 25/01/1946).

Esta tem o fim especial saber suas notícias e de todos os seus. Á dias, creio dia 19, eu te escrevi uma cartinha e não tive resposta. Porque? Cícero espero que você possa vir sem falta nesse próximo mez e venha com a possibilidade de assistir a festa no dia 19 [...]. (Margarida. 26/02/1946).

Em uma das cartas de Cícero, é possível perceber que os dois correspondentes também compartilhavam segredos entre si, que revelavam os costumes e a conduta de moças antes do casamento naquela época. Pelas palavras registradas, parece ter existido durante o namoro e o noivado algo além de uma simples conversa na presença dos pais de Margarida e troca de carícias durante um toque de mãos:

Até hoje estou pensando como foi que seus pais deixaram você ir ao cinema comigo, pois não me deixam só com você conversando na sala não é? agora sempre quando for ahí faço questão de ir ao cinema. (Cícero. 25/03/1946).

O cerimonial epistolar expressa crescente intimidade entre eles, o que pode ser visto tanto no tratamento inicial quanto na despedida que se prolongam gradativamente ao longo do tempo. No início, até o noivado, é frequente o uso de adjetivos antecedendo os vocativos, como: “inesquecível”, “saudoso”, “prezado”, “querido”; porém, apenas nas cartas de Margarida. Seria romantismo exagerado ou comportamento da mulher esperado por todo e qualquer pretendente na década de 1940? Já Cícero

usa somente o vocativo, mas começa a lançar mão desses adjetivos em sua oitava carta, datada de 21 de setembro de 1945, dias depois de pedir Margarida em casamento. Desse dia em diante, todas as suas cartas seguiram o mesmo procedimento.

Pode-se afirmar que o tratamento inicial, assim como o final, quase sempre, revela a familiaridade entre remetentes e destinatários. Camargo (2000, p. 211) considera as variações de início e despedida das cartas como normas do cerimonial epistolar. Para ela, “são elementos que ficam marcados no próprio texto da carta ou nos procedimentos a que recorre quem escreve”. Traduzem o íntimo, enclausurado no universo privado. Nesse mundo difícil de ser penetrado, pois só pertence aos correspondentes, isto é para quem recebe e lê a missiva, o tratamento pode significar: ela não está com raiva de mim, ela aceitou a ser casar comigo, ele quer me cortejar ainda, ele não quer mais se corresponder comigo. O significado tende a variar de acordo com a interpretação que é dada pelo destinatário do tratamento inicial, gerando emoções diversas. O conteúdo, por sua vez, muitas vezes vem confirmar o já esperado, revelando detalhes sobre a proximidade entre quem escreve e quem lê cartas.

Descrições do cotidiano para justificar a demora de respostas são frequentes, indicando que “escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina”, como lembram Bastos, Cunha, Mignot (2002, p. 5), mas a despedida se torna dia a dia mais prolongada. Nela enviam lembranças e recomendações aos familiares ou chamam o destinatário para perto de si, com ênfase na falta que sentem de notícias: “...já sinto muito as saudades do meu noivo. Espero que me escreva sempre, pois com suas cartas na mão sinto você mais perto de mim. Crie-me sempre sua noiva que te ama”. (Margarida. 15/06/1946)

Por cartas, Cícero e Margarida trataram, além do noivado, do casamento, combinaram as datas e o local da cerimônia. Também comentavam sobre o enxoval e a casa onde residiriam no Rio de Janeiro, o que trazia aflições: “Quero pedir-te também para fazeres tudo a fim de arranjares a nossa, pois isso me tem deixado muito preocupada, mais ainda do que o enxoval” (Margarida. 15/06/1946). Finalmente, em 11 de abril de 1947, Margarida escreve a última carta guardada na qual trata da arrumação de sua casa no Rio de Janeiro e pede a Cícero para não esquecer o buquê: “[...] recebeu o recado de Maria que mandei eu disse a ela que era bom comprar um joguinho para arrumar o quarto [...] mais uma vez peço fazer o favor de comprar o buquert [...]” (Margarida. 11/04/1947). Cícero Azevedo Pereira e Margarida Leite de Oliveira se casaram em 17 de maio de 1947, na Igreja de São José, em Bicas, Minas Gerais.

Vestígios da escolarização na escrita

As cartas de amor trocadas por Cícero e Margarida carregam uma história que se revela aos poucos na medida em que dirigimos um olhar atento tanto para os temas e rituais epistolares como para o suporte utilizado, pois este sugere pistas sobre a escolarização dos correspondentes. Tendo como utensílio da escrita a caneta tinteiro, valeram-se do papel pautado na horizontal. Simples, sem ilustrações ou desenhos. De todas, apenas uma foge ao padrão. A folha é menor e parece ter sido cortada, não possui pauta e foi escrita na vertical, a lápis. Nesta, Cícero parece estar com pressa, escrevendo de modo objetivo, apenas para avisar o adiamento de sua ida, explicando-se no final: “Peço desculpar-me por escrever a lápis, mais comecei a escrever a tinta e o papel não gostou” (Cícero. 07/03/1946).

Já nas cartas de Margarida há uma certa particularidade que se torna visível quando examinadas e comparadas com atenção: a presença de diferentes caligrafias que evidenciam a ajuda de terceiros na construção textual. Das 21 por ela enviadas ao namorado aparecem três tipos de caligrafia, indicando que se valia de uma mediadora para colocar no papel algumas palavras ternas, seguindo os protocolos das cartas de amor. Somente a partir de 28 de agosto de 1946, redigiu de próprio punho as palavras endereçadas ao noivo. Na tentativa de desenhar a letra, Margarida borra o papel e comete erros que se empenhou em corrigir. Como Cícero, ela também pede desculpas: “Peço perdoar os borrões desta pois a pena está horrível, perdoe-me sim?” (Margarida. 28/08/1946).

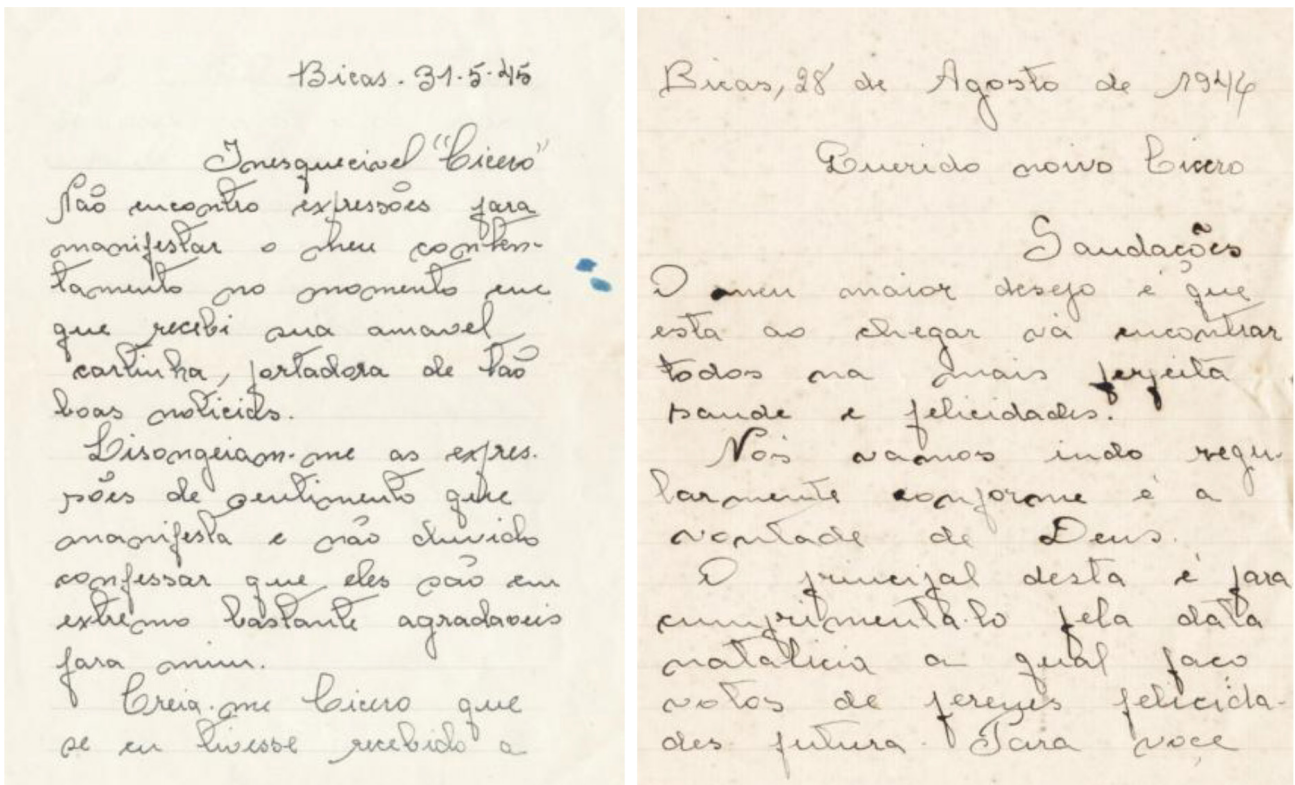
Ao longo do tempo, a caligrafia dela não era a mesma. Será que Cícero se deu conta das mudanças nas letras? Difícil não perceber.

Existiam também outras evidências de que outra pessoa passara a escrever a partir de um determinado momento. Quando Margarida começou a redigir de próprio punho, as cartas traziam marcas da oralidade, além dos erros ortográficos e dificuldades na elaboração textual:

Chegando hoje da roça muito triste fiquei por saber que você foi a Mar de Espanha e não chegou aqui penço eu que algum momento sou esquecida mas nunca esquecerás de meu noivo não achas. Você que o papel aceita mentira por minha parte só escrevo o que e verdade que sai do coração. Querido não pença que faral que estou escrevendo se você tivesse o poder de adivinhar que sinto por você está longe de mim. (Margarida. 08/10/1946).

Mas con muita saudades de você e triste por não receber uma cartinha sua, faz hoje dez dias que você está con foi e não ni escreveu. Querido sertamente que você está con raiva de mim não é? (Margarida. 16/12/1946).

Figura 3 - Cartas enviadas por Margarida com caligrafias diferentes



Fonte: arquivo da família Pereira.

A prática utilizada por Margarida para se corresponder com o namorado tem sido detectada em diversas épocas e culturas quando as pessoas recorrem a mãos alheias para escrever por elas, a exemplo dos copistas.⁶ A escrita delegada, segundo Viñao (1999, p. 292), é feita pelo outro ou em nome do outro, em várias modalidades que vão desde a contratação para a execução de determinadas tarefas de escribas, secretários e aqueles que assinam documentos por aqueles que não sabem escrever. Ainda em suas palavras, destaca aqueles que são os principais intermediários: “el ejercicio mas o menos habitual de la mediación por sacerdotes, maestros, etc..., a quienes solian acudir los analfabetos o semianalfabetos cuando precisaban escribir alguna carta u outro tipo de textos”.

Ao escrever pelo outro, esses mediadores da escrita se tornam cúmplices e criadores, na medida em que interferem nas ideias, tornando-se tão autores do texto quanto aquele que o assina. Quais foram os mediadores das cartas enviadas por Margarida? Em que medida interferiram na escrita? Não podemos avaliar com exatidão a influência que a mediadora teve nas cartas de Margarida, nem saber se tinha acesso direto à leitura das enviadas por Cícero, mas é possível indicar outras inquietações e, quem sabe, responder a uma delas. Além da mediadora que emprestou suas mãos para redigir cartas, a terceira carta enviada

por Margarida, datada de 20 de julho de 1945, possui uma caligrafia bastante personalizada, que não se conseguiu identificar quem a redigiu. Seria mais fácil, provavelmente, compartilhar sua intimidade com uma amiga. Quem era a mediadora? Quem sabe, uma irmã mais nova, visto que estudara um pouco mais que ela? Depois de casada, Margarida recebeu cartas de suas irmãs que ajudaram a descartá-las porque a caligrafia era muito diferente.

Ao compararmos o grau de instrução e a atividade profissional dos pais deles, encontramos diferenças significativas que certamente interferiram no processo de escolarização vivido por cada um dos correspondentes. A mãe de Cícero sabia ler e escrever. Os familiares contam que ela gostava de fazer versos, indicando que a família da mãe de Cícero dava valor à escrita. Pertencentes à elite da cidade, as mulheres parecem ter sido alfabetizadas entre os anos de 1895 e 1900. José Augusto Pereira, pai de Cícero, segundo sua sobrinha Terezinha da Rocha Azevedo Pinna,⁷ formou-se na Faculdade de Farmácia de Ouro Preto (MG). Conhecido como médico da região, seu círculo de amizades era formado por intelectuais da cidade que tomavam à frente nas questões políticas. Era um grande conhecedor das escrituras bíblicas. Dizem que sua Bíblia era repleta de anotações, o que revelava a sua fé e comprovava a religiosidade de toda a família. Todos os filhos de Maria e José Augusto Pereira estudaram no Grupo Escolar Estevão Pinto, em Mar de Espanha. Criavam seus filhos de maneira independente. A partir dos 14 anos já saíam de casa para trabalhar na farmácia do pai. Quando completavam os estudos e assumiam maioridade, mudavam para o Rio de Janeiro, ingressando no mercado de trabalho.

Maria das Dores de Jesus, mãe de Margarida, era analfabeta. Seu pai, Jovelino, por sua vez, percebeu em seu cotidiano que a leitura e

6 A respeito da escrita delegada consultar também SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. “Na qual se lhes ensine [...] a ler, escrever, e contar’: política linguística e escola para índios na Bahia (1758-1834)”. In: *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, nº 68, núm. esp. 2020, p. 670-705, no qual o autor chama a atenção para o fato de que foi “por meio da escola para índios, a chamada educação escolar indígena, e não a educação indígena própria da organização social dos diversos grupos etnolinguísticos, que vislumbramos uma possibilidade de aproximações às formas como as populações indígenas se apropriaram da escrita em língua portuguesa e passaram a participar, mesmo em situações de uma escrita delegada, ou seja, por mãos alheias, das práticas culturais da escrita no Brasil colonial”. (p. 671)

7 Entrevista informal realizada em 2002.

a escrita eram importantes em suas atividades profissionais. Era bom negociante. Fazia contas de cabeça. A alfabetização foi uma necessidade de inserção social, gerando o interesse em aprender a ler e a escrever. A irmã caçula de Margarida, Terezinha de Jesus Oliveira Leite de Almeida, contou que ele se alfabetizou sozinho, por conta própria, utilizando alguns livros, talvez cartilhas, para se alfabetizar. Em sua escrita, podemos perceber grande influência da oralidade. Ignorava regras e formas da língua escrita, com expressões ligadas à fala. Em uma carta dirigida ao genro, encontram-se vários erros ortográficos, além de uma caligrafia difícil de ser compreendida:

Cicoru, Emprimeiro lugar nosso votos que você e Neném ao Receber Esta Esteji com Saúde e muitas felicidades e que issto e Nosso Dejejo; e Enquanto Nos aqui vemos todos Regularmenti com saúde. graças ao Nosso bom Deus, e enviou Junto a Esta umas pequenas corejaspa vocês. (Bicas, 20/08/1948).

Na fazenda onde morava a família Leite, não havia grupos escolares. Para que seus filhos tivessem acesso ao mínimo de instrução possível, pagava às pessoas da redondeza, muitas das vezes empregados seus, para ensinar o que sabiam aos seus filhos, instituindo assim uma prática de transmissão de saber. Tinha a intenção de preparar seus filhos para o trabalho na roça. Apenas os três últimos, Nelson, Aparecida e Terezinha, cursaram o grupo escolar em Bicas, ingressando com 7, 8 anos aproximadamente. Nessa época, Jovelino já havia vendido a fazenda, mantendo um sítio em Ponte Seca e residindo com sua família em Bicas.

Em sua infância, Margarida não frequentou escolas. Por vezes, uma professora dava aulas em casa, mesmo sem formação para o magistério, lecionando para todas as crianças ao mesmo tempo, reunindo, de uma só vez, faixas etárias diferentes. Enquanto isso, Cícero

concluiu seus estudos em 1927, no Grupo Escolar Estevão Pinto em Mar de Espanha, que frequentou por quatro anos. Nas suas provas cuidadosamente guardadas, os conteúdos pedagógicos serviam à aprendizagem de valores cívico-patrióticos. Na prova de Língua Pátria, por exemplo, o tema escolhido para o desenvolvimento foi a bandeira, na qual descreveu as cores, formas e o significado delas. Na prova de História, ele constrói uma redação que narra a Proclamação da República cultuando seus personagens, inclusive o Imperador. Podemos destacar também a aprendizagem da língua escrita na época. Ela não se restringia apenas à norma culta. As páginas pautadas impunham ordem e cuidado que deveriam expressar-se nas letras bonitas e na limpeza, como aponta Mignot (2003, p. 14). A prova de caligrafia resumia-se à cópia de um poema de Abílio Barreto, o qual parece fazer sentido com a realidade local nos seus versos: “E vai atrás dos patinhos/ Que fogem lesto, branquinhos/ Sobre o tapete da grama”. Já a prova gráfica, apresenta-se com letras bem desenhadas enfatizando o seguinte princípio moral: “Não brilha o diamante sem lapidação, o mesmo acontece ao homem sem educação”.⁸

A base educacional permitiu a Cícero e seus irmãos mais que o ingresso no mundo das letras. Eles se tornaram leitores ávidos e praticantes da escrita em seus múltiplos usos, como a escrita epistolar, por exemplo. Margarida, no entanto, não usufruiu dos grupos escolares que, em Minas Gerais, ganhavam força nesse período, como assinala Luciano Faria Filho (2000, p. 29), que chamou a atenção para uma nova cultura escolar que estava sendo produzida, simbólica e materialmente, tendo uma organização que a distinguia de outras instituições, o que significou a seu ver, “um rompimento definitivo com a escola imperial, tradicional e arcaica, cuja representação

⁸ Conforme provas e cadernos preservados pela família.

acabada era a escola isolada”, servindo assim para “reinventar a escola, objetivando a homogeneização cultural e política da sociedade”.

Em 1927, quando se iniciou a implantação da reforma Francisco Campos, Margarida contava 6 anos, mas provavelmente só foi alfabetizada anos mais tarde. Será que o método globalizado adotado chegou até a zona rural? Que compromissos educacionais tinham as professoras que iam até as fazendas para alfabetizar os filhos das pessoas que lá moravam? Qual a finalidade da educação na vida dessas crianças? Não é nossa intenção encontrar respostas para essas questões. Podemos afirmar, no entanto, que as dificuldades com a escrita nas cartas são reveladoras de uma alfabetização precária, resultante de um processo restrito à assimilação e à aquisição da leitura e da escrita. Daí derivava, possivelmente, sua insegurança, obrigando-a a recorrer a outra pessoa para remeter suas cartas de amor.

Post-scriptum

As cartas de amor trocadas por Cícero e Margarida, duas pessoas comuns que se apaixonaram e construíram uma relação, por intermédio da palavra escrita como um modo de conhecer o outro e se dar a conhecer, por si só já desperta curiosidade. Quem não gosta de uma história de amor? Ganham maior interesse quando nos damos conta de que teriam sido escritas por mãos alheias, para disfarçar a insuficiente familiaridade com a escrita, proveniente do incipiente processo de alfabetização da correspondente.

Seus erros gramaticais, problemas de ortografia e concordância parecem ter passado despercebidos ao namorado, pois o mais importante estava presente. Seguiu o que se esperava de uma carta de amor, com um protocolo bastante conhecido, nomeando carinhosamente o destinatário e lançando mão

de palavras amáveis e amorosas e, sobretudo, conforme assinala Gastaud (2009, p. 206), “capazes de despertar sentimentos doces, ternos e sinceros”. Aliás, se não sabia manejar bem a língua, precisando recorrer a intermediários da escrita, deixava-se levar pelo coração declarando a emoção que sentia ao receber a carta tão esperada: “Não encontro expressões para manifestar o meu contentamento no momento em que recebi sua amável cartinha, portadora de tão boas notícias” (Margarida. 31/05/1945). Os desafios de Margarida para redigir cartas de amor, no entanto, não eram uma exclusividade dela, pois, ainda segundo a autora, “são difíceis e fáceis de escrever”:

Difíceis porque devem transmitir uma certa imagem de quem escreve – que se empenha em obter um resultado específico – fáceis porque podem ser ‘espontâneas’, desorganizadas, trazendo em si a desordem que o amor provoca no apaixonado, o que torna desculpáveis pequenas incorreções e falhas, mas imperdoáveis a indiferença e a demora em responder. (idem)

Quem, afinal, escreveu 15 cartas por Margarida? Em conversas informais, a filha do casal esclareceu. Aquela que escreveu 15 cartas – entre 31 de maio de 1945 e 15 de junho de 1946 – foi sua amiga Herondina com mais estudos porque frequentara a escola primária aparentando, assim, mais domínio da escrita. Tinha acesso às cartas de Cícero? Influía no modo como Margarida expressava suas emoções? Seguiu apenas os protocolos de escrita epistolar? Orientava a agradecer as notícias, reclamar pelo silêncio prolongado, cobrar encontros, apressar compromissos? Não existem pistas de como a mediadora ajudou a criar as cartas, estruturar o pensamento ou estreitar laços.

Quando ela casou-se e mudou-se de cidade, não restou alternativa à Margarida. Já estava noiva. Sentia que era correspondida. Não recorreu a outros intermediários da escrita.

Esqueceu da pouca intimidade com o universo das letras. Superou suas inseguranças. Tomou a caneta e o papel em suas próprias mãos e continuou a fazer das cartas, guardadas como relíquias, um elo com o homem que escolheu e por quem foi escolhida para construir uma nova vida. Seguiu festejando a chegada das notícias, expressando alegrias ao receber cada carta, despedindo-se com afeto e palavras de amor e saudades.⁹

Com o passar dos anos, o casal continuou a deixar registrados por escrito seus sentimentos. Em um pequeno cartão, daqueles que acompanham buquê de flores, estão versos sem data: “Margarida, para o dia das mães que é o dia mais lindo ofereço a você. Cícero.” Já, num cartão de Natal de 1978, com letra tremida, versos com erros ortográficos, mas que traduzem em sua plenitude o carinho de estar presenteando o pai de seus filhos: “Cícero, com uma brincadeira do amigo oculto ofereço-te está lembrancinha, de sua esposa. Desejo feliz Natal e Próspero Ano Novo cheio de alegrias. Margarida” (24/12/1978).

Essas escritas ordinárias são apenas algumas das tantas declarações de afeto ao longo do matrimônio de Cícero e Margarida, mas tudo começou com as cartas trocadas, quando jovens, acompanhadas de presentes e retratos com dedicatórias carinhosas que selaram a duradoura união. Teriam sido preservadas para mostrar à filha e netos? Ou, simplesmente, para evitar o esquecimento e eternizar a história de amor que viveram?

Referências

AGOSTINHO, Elizabete (coord). **As grandes cartas de**

⁹ Consultar a importância das cartas para estudo das emoções: *Grafias no cotidiano: escrita e sociedade na história (séculos XIX a XX)*, publicado em 2021, especialmente o capítulo “Escrever as emoções: explorações nas cartas privadas da emigração às Índias” (séculos XVI-XVII), quando Antonio Castillo Gómez chama a atenção para os usos da expressão de sentimentos na correspondência das pessoas comuns.

amor. Lisboa: Guerra e Paz Editores SA, 2010.

BASTOS, Maria Helena Câmara. CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “Laços de papel”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 5-9.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. “Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser...” In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.) **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 203-237.

CARVALHO, Aline Pereira. **O papel não gostou da tinta: marcas da escolarização nas cartas de amor trocadas por Cícero e Margarida (1945-1947)**. 2003. 70 f. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação (Monografia de conclusão de Curso de Pedagogia das Séries Iniciais do Ensino Fundamental), 2003.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. **Grafias no cotidiano: escrita e sociedade na história (séculos XIX a XX)**. Rio de Janeiro: EdUERJ/ Niterói: EdUFF, 2021.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio y SIERRA BLÁS, Verónica (dirs). **Cinco siglos de cartas: historia y prácticas epistolares em las épocas moderna y contemporánea**. Huelva: Universidad de Huelva, 2014.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. “Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-55.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAUPHIN, Cecile e POUBLAN, Danièle. “Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares do século XIX”. In: BASTOS, Maria Helena Câmara. CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.) **Destinos das letras: história, educa-**

ção e escrita epistolar. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2002. p. 75-87.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios:** cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2000.

GASTAUD, Carla Rodrigues. **De correspondências e correspondentes:** cultura escrita e práticas epistolares entre 1880-1950. 2009. 246 p. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

KALMAN, Judith. “El escribano público: mediador de la cultura escrita para la clase popular”. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Coord). **La conquista del alfabeto:** escritura y clases populares. España: Trea, 2002. p. 287-302.

LYONS, Martin. Amor, muerte y escritura en el frente italiano, 1915-1918. In. CASTILLO GÓMEZ, Antonio y SIERRA BLÁS, Verónica (dirs). **Cinco siglos de cartas:** historia y prácticas epistolares em las épocas moderna y contemporânea. Huelva: Universidad de Huelva, 2014. p. 291-312.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Papéis guardados.** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rede Sirius, 2003.

ORSINI, Elizabeth (org). **Cartas do coração:** uma an-

tologia do amor. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

SHAPOCHNICK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In. NOVAIS, Fernando (coord. da coleção) e SEVECENKO, Nicolau (org. do vol.). **História da vida privada no Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998. p. 423-512.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. “Na qual se lhes ensine [...] a ler, escrever, e contar”: política linguística e escola para índios na Bahia (1758-1834). **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, Universidade Federal da Bahia, Salvador: nº 68, Núm. Esp 2020, p. 670-705. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/issue/view/2202>. Acesso em: 29 ago. 2022.

VIÑAO FRAGO, Antonio. “A modo de prólogo, refúgios del yo, refugios de otros”. In. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). **Refúgios do eu:** educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 9-15.

VINÃO FRAGO, Antonio. **Leer y escribir:** historia de dos prácticas culturales. México: Fundación Educación, voces y vuelos. 1999.

Recebido em: 10/09/2022

Revisado em: 20/10/2022

Aprovado em: 30/10/2022

Publicado em: 15/12/2022

Aline Pereira Castro de Carvalho é pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora da rede pública de ensino da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. E-mail: alinepcarvalho@rioeduca.net

Ana Chrystina Mignot é doutora em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Cientista do Nosso Estado (Faperj) e Procientista (UERJ-Faperj). E-mail: acmignot@terra.com.br